

**A FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR ATRAVÉS DO ESPELHO: NOTAS PARA
ESTRANHAMENTOS E PRÁTICAS OUTRAS.**

**THE FORMATION OF THE ADMINISTRATOR THROUGH THE MIRROR: NOTES
FOR STRENGTHS AND OTHER PRACTICES.**

Laura Henrique Corrêa

Universidade federal de Alfenas

Resumo

É notável que o modelo de gestão hegemônico privilegia padrões e esse aspecto se replica na formação dos administradores, onde a totalidade deixa de ser considerada. Nesse contexto, defende-se a formulação de práticas outras, a partir dos sujeitos que habitam os espaços e a inserção de uma problematização da vida na prática formativa. Assim a formação do administrador se dá em frente ao espelho, abrindo-se à junção entre razão e imaginação, e seus inúmeros usos, instigando a potência heterotópica. Esse movimento forma linhas exploráveis, por onde foram deixadas sugestões para a expedição, onde o caso de ensino nasce dentro da reflexão dos espaços, mapeado, e tem a possibilidade de formar redes, estar contínuo e descontínuo em determinados pontos, e, então constituir seu coletivo de forças, com potencial clínico-político. Ao final, observa-se a urgência das práticas de estranhamento, que desnaturalizam olhares e podem lançar-se à novas interpretações e efeitos.

Palavras-chave: Educação, administração, organizações, heterotopias, práticas outras.

Abstract

It is notable that the hegemonic management model privileges standards and this aspect is replicated in the training of managers, where the totality is no longer considered. In this context, it is defended the formulation of other practices, starting from the subjects that inhabit the spaces and the insertion of a problematization of life in the formative practice. Thus the formation of the administrator takes place in front of the mirror, opening itself to the junction between reason and imagination, and its innumerable uses, instigating the heterotopic power. This movement forms explorable lines, where suggestions for the expedition were left, where the teaching case is born within the reflection of the spaces, mapped, and has the possibility to form networks, to be continuous and discontinuous in certain points, and then to constitute its collective of forces, with clinical-political potential. In the end, one observes the urgency of the practices of estrangement, which denaturalize glances and can launch to the new interpretations and effects.

Keywords: Education, administration, organizations, heterotopias, other practices.

Introdução

A gestão para a eficiência parece ser consenso entre os administradores. A tentadora promessa de maior produtividade com um menor investimento seria uma alternativa irresistível aos gestores, tanto que durante o século XX os modelos de gestão foram se solidificando na linha do gerencialismo.

Nesse modelo o ambiente organizacional é predominantemente mecanicista, rígido e com grande valorização hierárquica. Controle é a palavra chave para tais metodologias, que se direcionam a determinados objetivos. A determinação de padrões, cargos e procedimentos são reflexos desse modelo de gestão funcionalista. (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014)

Observado esse fenômeno prático, a reflexão é direcionada a como que esse regime, que determina como eficiente à administração esse tipo de disposição humana e espacial, se tornou hegemônico, chegando a replicação contínua pela via da formação acadêmica do administrador.

As escolas de administração (de empresa, pública, consultoria, entre outras), seguem em grande parte, modelos de eficiência, o que com o aumento da competitividade contemporânea passou a ser cada vez mais evidente a estrutura organizacional como valor a ser maximizado. Como um dos efeitos, o educando em administração, por estudo das práticas administrativas hegemônicas, compreende que a administração, para que seja desenvolvida com êxito, deve seguir tais caminhos e estar amparadas por determinadas regras.

Esse ciclo, já naturalizado, vai se replicando no tempo, todavia existem outras formas de gerir e de inserir a contribuição de cada indivíduo ao ambiente. Essas ações, que pleiteiam reconhecimento e cristalização, inserem gestões diferenciadas e podem favorecer os estudos organizacionais, na medida que tanto os resultados organizacionais quanto os econômicos e financeiros podem ser identificados.

Nesse contexto, em contraponto ao modelo hegemônico, existem iniciativas que denotam essa fuga como ponto principal, privilegiando pequenos espaços, o homem comum que administra, o homem que faz, entre outros pontos, que fazem o delineamento de uma rede de relações com usos, sentidos e espaços que Carrieri,

Perdigão & Aguiar, (2014, p. 699) denominam de “gestão ordinária”.

Nas palavras dos autores, proceder uma “significação do insignificante, significação do cotidiano, que pode ser importante para as pessoas, e infelizmente não o é para o pensamento administrativo, ou perdeu-se” (2014, p.699). Tais premissas comprovam a existência do predominante e seu duplo, o processo de resistência.

Se a busca é por significar o homem em seu meio cultural e social, a reprodução mecânica não seria sua vertente mais produtiva, ainda que no cotidiano de muitos, esta já esteja em processo de naturalização.

A arte, o reinvento, a memória ressignificada, as interpretações, são expressões individuais dentro de uma historicidade construída. Desta maneira, parece mais inerente ao humano criar do que reproduzir, a voz do que o reverberar, o refletir sobre o acontecimento do que moldá-lo ao predeterminado. Manifesta-se daí a necessidade, de um lado, dos estudos organizacionais buscarem desvelar características dessas práticas, e de outro, das escolas de administração voltarem seus olhos a esta vertente.

Nesse contexto, este estudo defende-se a possibilidade de formas outras de administração, inserindo-as no contexto pedagógico através da formulação de pistas para um caso de ensino diferenciado, que ao mesmo tempo é provocante à reflexão das práxis organizacionais, e se mostra profícuo à resistência ao modelo hegemônico dentro das instituições, engendrando ainda que distante, a possibilidade de um outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais.

A partir dos sujeitos que habitam os espaços, e de suas construções, sem aplicar a dicotomia do pesquisador-pesquisado, optou-se por aproximar mais de um movimento de compreensão do vivido, em múltiplas vertentes. Desta maneira, serão feitos apontamentos, enunciadas pistas para um processo de problematização do real que segundo Revel (2004) tem a força da experiência do “fora”, e do pensamento.

Após esta introdução, serão apresentadas breves sustentações teóricas exequíveis a essa abordagem contemporânea e suas possíveis articulações com a experiência formativa. Na seção seguinte, tratar-se-á especificamente dos possíveis

indicadores para o estranhamento e mapeamento de eventuais linhas e, ao final, serão identificados no caminho contrário, pontos de limites que podem ser proveitosos às novas reflexões sobre prática pedagógica na formação do administrador.

UM OUTRO OLHAR SOBRE A GESTÃO E A EXPERIÊNCIA APRENDENTE

Seria possível contemplar a visão de gestão como única? Carvalho (2006) entende que não, e enfatiza a necessidade de estudos alternativos ao modelo empresarial dominante no Brasil. Holanda (2010) argumenta que essa instrumentação é justamente o que ratifica a inexistência de outros saberes administrativos. Já Américo, Carniel & Fantinel (2017) propõem a exploração das redes de conhecimentos buscando desvencilhar-se das amarras de modelos, escavando vias possíveis de significações. Outros, como Cappelle, Melo e Brito (2005) ensaiam tentativas de aproximação entre teóricos críticos e pós-modernos, como Bourdieu e Foucault, na tentativa de suprimir lacunas observadas como fragmentações de um só contexto que devem conversar entre si.

Diversas pesquisas já circundam esse campo do saber, como constatado por Andrade et. Al (2016) sob o desígnio da estratégia como prática, sendo explorados 103 artigos que versam sobre a temática. Nesse compêndio, o que se pode afirmar é que se encontra em processo a construção de outros olhares sobre a administração, o que também é enfatizado por Barros e Carrieri (2015) na aproximação entre administração e cotidiano.

No registro da observação cotidiana, Paiva et.al (2018, p.41) indica a “gestão social das práticas”, como marca da virada prática que em que a área administrativa se desloca contemporaneamente. Enfocando a estratégia como prática e considerando-a dentro do campo cotidiano de desenvolvimento processual e com elementos heterogêneos, há uma híbrida intersecção entre ações dos indivíduos, que contribuem nas esferas cognitivas, comportamentais, discursivas e corporais

(prática); sua maneira de agir e buscar recursos (praticantes); e também as atividades estratégicas desenvolvidas com foco na organização (práxis).

Paes de Paula (2016) estuda matrizes epistemológicas: analítica de interesse técnico, hermenêutica de interesse prático e crítica de interesse emancipatório em um círculo onde a abordagem sociológica se conecta a metodológica, em uma perspectiva contributiva de suas existências para o entendimento de como essas mudanças estão ocorrendo e, principalmente indicando o aspecto inacabado do entendimento sobre essa imbricação.

Já Bretas e Carrieri (2017) em uma perspectiva pós-moderna (ou contemporânea) enfatizam a postura genealógica proposta por Foucault, que considera os regimes de verdade e os dispositivos que formam a pluralidade e questionam as normatizações pela via da compreensão, de um saber-poder potente em cada indivíduo e produtivo nas relações cotidianas, engendrando assim impulsos a resistências e outras formas de pensar e agir.

Em síntese, por diversas vias se apontam perspectivas de uma análise conjuntural, desvelando a maneira como naturalizamos e excluimos, percebendo na linha contemporânea, a necessidade de deslocamentos que mergulham na observação e voz do que foi colocado à margem do saber, consequentemente silenciando poderes, como aponta Barros e Carrieri:

Em certo sentido, propomos que se reveja a postura naturalizada diante da dominação das formas americanizadas de administrar, em geral tidas como portadoras de conteúdos neutros e normatizados. Desconstruir o termo e seus usos, com a inserção de novas perspectivas e abordagens no nosso horizonte de reflexão, é deslocá-los dos contextos dominantes nos quais foram dispostos como instrumentos de poder, e, inclusive, colocar em análise nossa prática de ensino, de coordenação e participação de grupos de pesquisa, nossos lugares de saber-poder, analisando em que medida não contribuimos para a reprodução de um saber que exclui o “outro”, habitante das margens do capitalismo, nós mesmos. (Barros e Carrieri, 2015)

O que se pode denotar dessa breve análise é que muitos saberes e poderes ainda serão identificados, e que a perspectiva pós-moderna traz uma linha de fuga possível para a potencialização dos seres, e, portanto, para a emergência de novos efeitos. Há que se destacar que não na perspectiva mínima de causa-efeito, mas na construção da compreensão das interações: individuais, coletivas, discursivas, corpóreas, organizacionais, aprendentes, políticas, entre outras, que caracterizam uma rede com múltiplas linhas com cadeias de efeitos.

Mas se há tantas linhas descontínuas, como Deleuze e Guattari (1996, p.76) afirmam que “somos atravessados” em uma vasta imensidão de redes a compor, qual dispositivo tem o efeito de manter as engrenagens mesmas? Emperrar outros modos de organizar? Ou ainda imobilizar um (re) existir organizacional ou silenciar uma (r) existência?

Talvez a explicação seja bastante explícita, mas pouco estranhada, e para isso, cabe a advertência de Barros (2017) no que tange a uma considerável ponderação, apontando que até mesmo antes do curso de Administração existir no Brasil, o panorama de estruturação dos cursos demonstra uma herança modelada na escola comercial e de finanças, que posteriormente incorporou a perspectiva estadunidense e mais recentemente buscou diferenciações entre público e privado, emergindo dois campos diferenciados da administração, todavia de mesma raiz estrutural.

Demonstrando tais estruturas, Fischer (2003) fez um mapeamento das rotas disciplinares em um curso de graduação em administração de 1960 a 2000. Não apenas com documentos históricos, foram realizadas entrevistas com os educadores, transpostas em mapas conceituais, com as disciplinas sendo as unidades de análise. Desta maneira foi possível observar um contínuo de padrões, com a base predominantemente do padrão americano da economia, psicologia e sociologia. Nos componentes específicos, mudanças ocorreram com certa timidez até os anos 90, onde se iniciou um movimento mais contundente nas matrizes específicas. O que se depreende é que a proposta curricular, conforme conclui Fischer (2003, p.58) “representa a hegemonia de uma determinada posição”.

Derivada dessa forte matriz de pensamento, como possíveis efeitos da

hegemonia, podem ser identificadas práticas organizacionais, diretrizes nacionais, matrizes curriculares, práticas pedagógicas e, no cume, vozes que se calam no ensino de administração (BOLZAN e ANTUNES, 2015).

Postos os desafios, algumas incitantes contraposições aos paradigmas foram elencadas:

Moura e Diniz (2016) percorrem o caminho dos projetos para a inserção de inovações, onde apesar das formas complexas de organização, já incorporam o desdobramento da rigidez característica aos modelos de ação gerenciais, inserindo o compartilhamento de experiências.

Dias, Rosseto e Marinho (2017) enfocaram a construção de uma estratégia como prática social em uma instituição de ensino superior e analisaram as práticas discursivas do grupo de 111 gestores, assinalando as dificuldades que o poder engendra em instituições que privilegiam a perspectiva hierárquica, e ainda, demonstrando esta como uma abordagem possível para abranger sentidos históricos, sociais e organizacionais, tanto individuais quanto coletivos.

Vizeu (2010) defende a pesquisa organizacional voltada para as especificidades locais, privilegiando a cultura e a singularidade dos seres, em um panorama que ele denomina de alternativo, e que enfatiza essencial.

Entretanto é Fischer et. al. (2007) que traz uma perspectiva inspiradora ao percurso desse estudo, deslocando seu olhar para a utilização do recurso estético especificamente no ensino de administração, evocando a sensibilidade que traz a arte em suas vertentes dentro dos processos de descoberta. A ficção, o texto literário em suas diferenciadas representações, apresentam-se como recurso de grande abrangência e interpretação, estimulando as construções dialógicas, que ela destaca como cerne das atividades administrativas, e ainda, estimuladores do sentir incorporado ao conhecer, e vice-versa.

Em sua abordagem, traz Dom Quixote como dispositivo de reflexão na liderança, trazendo como traços delineados: a condição dos seres, a afirmação e respeito aos indivíduos, a lógica de identidade organizacional, e a ação em sociedade, entre outros, que poderiam ser demarcados e explorados pelo poliedro

de visões, que se exprime no encontro de experiências cadentes.

Por um lado, inserir-se em modelos alternativos, de outro, distanciar-se do que Reis Júnior (2017) denomina de inibidores da pulsão criativa, elaborando olhares, questionamentos, insatisfações e, assim incitando recriações; aprendentes em seus desvios, não é um desígnio banal, mas sim um esforço de reconstruir-se dentro do que já se estabelece no interior de cada ser.

De qualquer maneira, o que os estudos relacionados têm em comum é a busca por pensar de outros modos, possibilidades outras de construção do olhar e do saber administrativo, e, portanto, mais distante dos cânones educacionais.

Portanto, o caminho não é pré-definido, não pode ser datado ou cronometrado, não é uma continuação histórica e nem possui um objetivo a alcançar. Segundo Coelho Júnior e Mendes (2015, p.94), tem o formato de um “cataclismo”, um “desarrumado”, “emaranhado” com rupturas sucessivas.

Logo, é melhor esboçado por uma problematização (Marshall, 2008), que parte dos significados plurais das experiências em busca de uma (ou muitas) significações satisfatórias aos transeuntes. Também pode ser encarada como descobertas, compreensões de efeitos, mapeamentos de conexões possíveis, visualizações de redes de linhas interligadas, em continuidade e ruptura, passagens.

É nesse espírito que serão propostas pistas para uma espécie de caso de ensino heterotópico, no ensaio de pensar com Foucault, em uma elaboração coletiva, uma espacialização da vivência aprendente possível de ser relatada, sem a pretensão de elaborar ou mesmo unificar métodos.

A POTÊNCIA DO ESPAÇO HETEROTÓPICO

Foucault (2013) se referia a espaços outros como uma transformação do espaço, a elaboração de um local outro no mesmo, e para isso, considera o fora como integrante. As considerações das margens, do que habitualmente é deletado,

do que nem mesmo é colocado, formando “espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis” (Foucault, 2009, p.415)

Se é possível essa identificação, é igualmente justificável que uma heterotopia, seja efetivamente o contrário de uma utopia, pois esta se estabelece na ordem do irreal, ao ponto que a heterotopia abre espaço para que o fora, seja efetivamente integrante do considerável.

Para ilustrar tal percepção, do espaço em que não vivemos mas que nos constitui, a imaginação seria um ponto fértil de análise, onde razão e imaginação perdem a demarcação de binaridade.

Justificada na impossibilidade de criação de outros modos de existência sem o recurso imaginativo, a legitimação do que já se estabelece pela via da reprodução, perde a habitual hierarquia excludente para ganhar um recheio mais denso.

Para o inventor da heterotopia, não existem diferenças profundas entre razão e imaginação, pelo simples fato de que a razão antes de existir como tal, precisa necessariamente ser imaginada. Essa maneira de acoplar os conceitos também traz o efeito de ampliação do possível, apontando para os profusos usos da razão, que certamente são muito mais numerosos do que as pessoas em um determinado tempo acreditam. (Foucault, 2013)

Trazendo a uma perspectiva bastante tangível, Foucault (2013) faz analogias que podem oferecer bases para a constituição do espaço que se transmuta em espaço outro com características próprias, tais como o barco e o espelho.

No primeiro, dois possíveis olhares para uma tarde ensolarada, com crianças brincando na cama grande dos pais: de um lado o espaço da cama sólida, do correr, dos pulos e das risadas; de outro, o espaço da imaginação, do sonho e da leveza que transforma a solidez da cama em um barco cheio de aventuras e descobertas. Ao mesmo tempo real e irreal, razão e imaginação, e nessa união, o espaço e o espaço outro.

No segundo, uma experiência mista, em um objeto da ordem do real, o espelho, e da ordem do irreal, sua imagem, ou seja, onde não estou. Nele o espaço

do fora se dá juntamente ao espaço do dentro e forma uma heterotopia, como esclarece Foucault:

[...] o espelho funciona como heterotopia no sentido em que torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, e relação a todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ele é obrigado, para ser percebido, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe (Foucault, 2009, p.415).

Daí que poderíamos observar bibliotecas, jardins, entre outros exemplos de união, que têm a característica de nos transportar a outros tempos, paisagens, reflexões e ritmos, porém a analogia do espelho traz reflexões sobre a prática pedagógica, como apontado por Gallo (2015) que observa como possível a produção de uma escola outra dentro da escola mesma, sendo esta uma perspectiva muito mais real do que as identificáveis utopias pedagógicas.

Portanto, um ensino de frente ao espelho, seria como abrir-se a possibilidade de se descobrir ausente no local onde se está, e, ao mesmo tempo, se ver longe. O habitual conhecer escolar, assujeitado em corpos e pensamentos, pela prática de buscar a verdade e demonstrá-la, pode abrir-se aos inúmeros usos da razão e acentuar o espaço de aprendizagem aos aspectos vitais, o aprender como um acontecimento, que parte em suma, da inquietude de si, diante da problematização da vida.

MAPEAMENTO E FORMAÇÃO DE REDES: AS LINHAS DESCONTÍNUAS

A primeira advertência a ser feita, quando se toma como objetivo construir novos caminhos como modalidade de conhecimento, é não predeterminar os passos. Daí que a apreensão não deve ser pensada de maneira fixa, sendo mais

profícuo o seu entendimento como um dos movimentos prováveis, dentro de uma prática não linear e nem totalizante, ou seja, existem linhas de conexão mas não há uma ordem hierárquica e regras de aplicação, sendo valorosa a análise do espaço na perspectiva de permanente recriação.

Para tanto a organização de ações aprendentes dentro das necessidades identificadas se torna um ponto latente, mesmo que não tão próximo do legitimado nas práticas escolares, o que de alguma maneira nos insere nas práticas outras, ou em outras palavras, emerge algo entre onde estamos e não estamos.

No local onde estamos, Ikeda, Veludo-de-Oliveira e Campomar (2006) abordaram a perspectiva do caso de ensino como uma estratégia produtiva aos estudos administrativos, pois entre outros pontos, o caso de ensino pode ser colocado diante da análise de problemas práticos, com discussões e proposições de diferentes prismas possíveis.

Nessa perspectiva um caso de ensino é elaborado pelo(s) educador(es) e colocado como temática das intervenções pedagógicas, sendo as respostas construídas coletivamente. Nele as linhas problematizadoras, dinâmicas e de maior liberdade possivelmente entoam mais próximo do aprender como um acontecimento, o que motivou a alternativa aqui proposta, sem esquecer do alinhavo heterotópico análogo ao espelho.

Considerando o local onde estamos e o espaço outro a construir, a primeira pista possível seria a reflexão híbrida dos espaços, questionando as interpretações hegemônicas e encontrando no observar, ouvir e escrever o estranhamento do comum.

Nesse conjunto, o mapeamento dos interesses inserem a significação pessoal e do grupo em uma problematização da atualidade, como asseverado por Simons e Masschelein (2008, p.159) uma “pesquisa do presente”. Ela tem por intento o compartilhamento dos sentidos e suas intersecções, se mostrando diferenciada do caso de ensino tradicional, que é preparado previamente pelos educadores, entretanto esse exercício de olhar o não legitimado, desbanalizar o considerado banal, por si só já abre portas às recriações.

Um segundo ponto considerável é o eventual agrupamento dos olhares,

constituindo assim uma rede de comunicacional, com pontos contínuos e descontínuos para a análise dialógica, que pode ser fonte de vivência de um “coletivo de forças” (Escócia e Tedesco, 2015, p.93), que participam e intervêm em mudanças político-sociais, uma maneira de intervenção “clínico-política”.

Em uma pesquisa, condizendo com o entendimento da problematização, a função mais considerável seria a investigação de um processo de produção, no qual não há caminho objetivado, mas sim o rastreo, o mapeamento de uma atenção movente, um olho que tateia, explora e rastreia. Uma elasticidade da sensação que em seu registro explica o movimento, uma “ciência do sensível” (Deleuze, 2000,p.63).

A atenção assim se torna tocada por algo, que não necessariamente precisa ser explicado, mas sim sentido, selecionado, possível de ser explicado por alguém, um desnível da percepção do presente que se mostra profícuo à reflexão e ao delineamento de novos caminhos, o que efetivamente constitui o toque perceptivo e racional.

Nessa intensidade se apresentam múltiplas entradas, e seduzido por uma delas o explorador se submete, engendrando assim um “pouso”: o local onde o pesquisador encontra e encontra-se em necessária parada, em pulsão de dilatação. (Kastrup, 2015, p.40)

Então muda-se a escala, se insere em uma espécie de janela com lentes de aumento, ou seja, cada janela que cria uma ampliação, exclui outras percepções momentaneamente, pois sua atenção se desprende ao como ocorre um processo em andamento. (Kastrup, 2015). Esse deslocamento é que o coloca o aprendente em suspensão, à espreita de movimentos não esperados e não seletivos, uma arte da performance que envolve a dinâmica observacional em um trabalho de intervenção, através dos registros de um arranjo multivariado.

Essa composição torna-se um entendimento possível e compartilhável dialogicamente em redes, que são formadas justamente pelos elos atrativos que constroem as interpretações realizadas, ou seja, nessa perspectiva educativa, não há objetos de pesquisa, educadores e educandos, mas sim seres reflexivos em construção, onde a contradição e o que ainda não se compreende é sempre bem-

vindo e explorável, uma inconclusão próspera, que insere um conhecimento de mundo e uma visão própria inacabada, como a potência da vida, respirável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PROPOSTA DO CAMINHO CONTRÁRIO

Se o diagnóstico de Ambrosio (2011), Weber(2008) se aproxima de uma prática gerencialista adentrando aos aspectos privados e familiares pelos modos de subjetivação neoliberais, como também adverte Doherty (2008,p.211) como uma “reengenharia do cidadão” em curso; o que se explanou neste ensaio foi realizar o caminho contrário: dar nova roupagem a maneira como produzimos as práticas administrativas, distanciando de modelos preconcebidos, caminhando pela via educativa, em formas outras.

A relevância de tais abordagens, a primeira vista desconexas, se mostra justamente na produção de uma contraconduta, que emerge da observação da contemporaneidade conectada a conceitos, um exercício reflexivo-prático, ou mesmo clínico-político.

Considerando que para Foucault (2014) as práticas de controle e disciplinarização dos corpos afetam o modo como se constitui a subjetividade, há que se defender o potencial de resistência contido em tal pensamento, visto que estabelecer o marginal, o não cristalizado, a forma outra, carrega em seu seio o mesmo potencial de efeito nas subjetividades.

Então, engendrar práticas de menor controle e disciplinarização, privilegiando uma prática de estranhamento, de problematização, desde a formação do educando, poderia ser uma alternativa notável.

Em um olhar contemporâneo, como já proposto em diferentes vertentes pela necropolítica de Mbembe (2018), pela vida precária de Butler (2018), pela sociedade do cansaço de Han (2015) ou, ainda, pela produção da insegurança neoliberal de Lazzarato (2011), a maneira de se produzir o humano, essa reengenharia da atualidade, tem efeito de excluir, exaurir, homogeneizando a pluralidade,

submetendo todos a uma redução ao quantificável, que Foucault (2008, p.431) denominou de “biopolítica”, agora amplamente maximizada.

Esse processo de padronizar o que tem essência plural, nas organizações também produz o efeito de subjugar todos, mas ao preceito econômico, pois com pessoas e produtos iguais, a única diferenciação que pode ser feita é pela via econômica, a corrida para o menor preço, impulsionando produtos descartáveis e ambiente poluído, abrindo espaço para precarizações da vida, em âmbitos laborais, corporais e psíquicos.

Desta maneira, cria-se continuamente o privilégio, do que se pode desconfiar ser o objetivo da proliferação dos modelos gerenciais únicos: a hegemonia de grandes corporações e o autossacrifício das pequenas. Em uma espécie de controle consentido, há o convencimento de que os interesses são de todos, que as referências internacionais são as óbvias, naturais e universais.

Nessa vertente podemos ao limite, nos lançar à especulação de que a economia de mercado predatória poderia ser apenas um sintoma dessa patologia excludente que normalizamos e cristalizamos nas reproduções sociais, onde conscientemente ou não, há a aceitação e o reforço cotidiano, seja pela reprodução, pelo ensino, ou simplesmente pela falta de exercício do estranhamento, ao qual foi almejado explicar o traçar de algumas linhas potentes para essa exploração prático-reflexiva, pela via educacional.

REFERÊNCIAS

AKEMI IKEDA, Ana; MODESTO VELUDO-DE-OLIVEIRA, Tânia; CORTEZ CAMPOMAR, Marcos. O caso como estratégia de ensino na área de Administração. **Revista de Administração-RAUSP**, v. 41, n. 2, 2006.

AMBRÓZIO, Aldo. **Empresariamento da Vida**: discurso gerencialista e processos de subjetivação. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica

de São Paulo, São Paulo, 2011.

AMÉRICO, Bruno Luiz; CARNIEL, Fagner; FANTINEL, Letícia Dias. A noção de cultura nos estudos contemporâneos de Aprendizagem Organizacional no Brasil: desvendando a rede com o uso da inscrição literária. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 15, n. 1, p. 21-39, 2017.

ANDRADE, Luís Fernando Silva et al. Desvelando o Campo da Estratégia como Prática e suas Relações. **Iberoamerican Journal of Strategic Management (IJSM)**, v. 15, n. 1, p. 06-26, 2016.

BARROS, A.; CARRIERI, A. de P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, março-abril, p.151-161, 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-759020150205>

BARROS, Amon. Antecedentes dos cursos superiores em Administração brasileiros: as escolas de Comércio e o curso superior em Administração e Finanças. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 15, n. 1, p. 88-100, 2017.

BOLZAN, Larissa Medianeira; ANTUNES, Elaine Di Diego. O que Clamam as Vozes dos Pesquisadores e sobre o que Elas se Calam ao Abordarem o Ensino em Administração no Brasil? **Revista ADM. MADE**. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2015. Vol. 19, n. 3 (set./dez. 2015), p. 77-93, 2015.

BRETAS, Paula Fernandes Furbino; CARRIERI, A. P. Uma breve reflexão sobre epistemologias, teorias e métodos da prática social da resistência. **Revista Espacios**, v. 38, n. 27, p. 6-18, 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembléia**. Editora José Olympio, 2018.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; DE BRITO, Mozar José. Relações de poder segundo Bourdieu e Foucault: uma proposta de articulação teórica para a análise das organizações. **Organizações rurais & agroindustriais**, v. 7, n. 3, 2005.

DA ESCÓSSIA, Liliana; TEDESCO, S. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

DE MOURA, Ralf Luis; DINIZ, Bruna Demoner. Analisando Projetos através das Práticas: Um Ensaio Teórico. **Revista de Gestão e Projetos-GeP**, v. 7, n. 2, p. 34-41, 2016.

DE PÁDUA CARRIERI, Alexandre; ALVES PERDIGÃO, Denis; CAMILLO AGUIAR, Ana Rosa. A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. **Revista de Administração-RAUSP**, v. 49, n. 4, 2014.

DE PAIVA, André Luiz et al. Em Busca das Práticas: Contribuições Epistemometodológicas das Teorias da Prática aos Estudos da Gestão Social. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 10, n. 1, 2018.

DE PAULA, Ana Paula Paes. **Repensando os estudos organizacionais: para uma nova teoria do conhecimento**. Editora FGV, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

DIAS, Almerinda Tereza Bianca BezBatti; ROSSETTO, Carlos Ricardo; MARINHO, Sidnei Vieira. Estratégia como Prática Social: um Estudo de Práticas Discursivas no Fazer Estratégia. **RAC-Revista de Administração Contemporânea**, v. 21, n. 3, p. 393-412, 2017.

DOHERTY, Robert. Uma política educacional criticamente formativa: Foucault, discurso e governamentalidade. In: PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina. **Por que Foucault?: novas diretrizes para a pesquisa educacional**. Artmed Editora, 2008.

DOS REIS JUNIOR, Francisco Nunes. O panoptismo nos estudos organizacionais: uma perspectiva da economia política do poder. **NEGÓCIOS EM PROJEÇÃO**, v. 8, n. 1, p. 153-160, 2017.

FERREIRA, Fábio Vizeu. Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. **RAE-revista de administração de empresas**, v. 50, n. 1, p. 37-47, 2010.

FISCHER, Tânia et al. Razão e sensibilidade no ensino de administração: a literatura como recurso estético. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 5, p. 935-958, 2007.

FISCHER, Tânia. Alice através do espelho ou Macunaíma em Campus Papagalli? Mapeando rotas de ensino dos estudos organizacionais no Brasil. **Organizações & Sociedade**, v. 10, n. 28, p. 47-62, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária,

2009.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

GALLO, Silvio. Pensar a escola com Foucault: além da sombra da vigilância. In: **Repensar a educação**, v. 40, p. 427-449.

GUATTARI, Felix; DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v.3. Editora 34, 1996.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2015.

HOLANDA, Luciana Araújo. **Resistência ao management em organizações da cultura popular**. Anais do Encontro Nacional de Estudos Organizacionais, 2010.

JÚNIOR, Alcides de Sousa Coelho. O homem pós-moderno e a metodologia de foucault. **Revista Eletrônica de Filosofia**, v. 1, n. 1, p. 137-157, 2017.

KASTRUP, Virgínia et al. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

LAZZARATO, Maurizio. **O governo das desigualdades: crítica da insegurança neoliberal**. São Carlos: EdUFSCar, 2011.

MARSHALL, James D. Michel Foucault: pesquisa educacional como problematização. In: PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina. **Por que Foucault?: novas diretrizes para a pesquisa educacional**. Artmed Editora, 2008.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80 páginas.

REVEL, Judith. **O pensamento vertical: uma ética da problematização**. In GROS, F. (org) Foucault: a coragem da verdade. São Paulo: Parábola Editoria, 2004.

SIMONS, Maarten. MASSCHELEIN, Jan. somente o amor pela verdade pode nos salvar: falar a verdade na universidade (mundial)? In: PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina. **Por que Foucault?: novas diretrizes para a pesquisa educacional**. Artmed Editora, 2008.

WEBER, Susanne. M. O “intra-empendedor” e a “mãe”: estratégias de “fomento” e “desenvolvimento” do empreendedor de si no desenvolvimento organizacional e na ação afirmativa. In: PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina. **Por que Foucault?: novas diretrizes para a pesquisa educacional**. Artmed Editora, 2008.